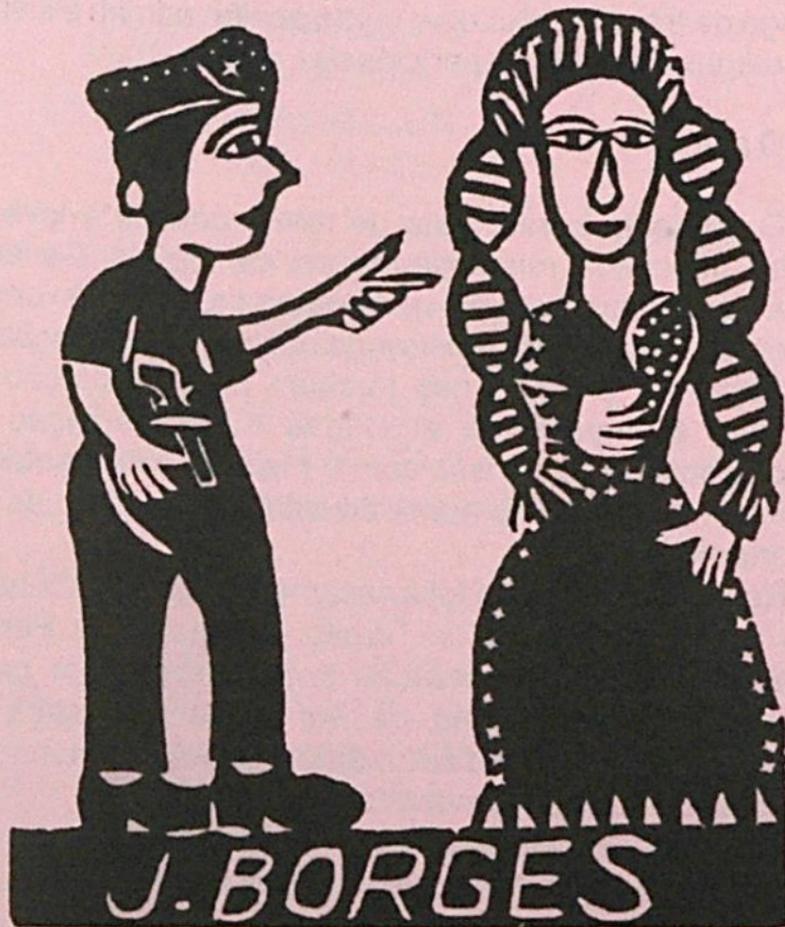


Literatura de Cordel

O casamento de DoNA Ciência com o Perito Criminal

Autor: José Alysson D. M. Medeiros



1ª Edição

Direitos autorais reservados



PREFÁCIO

Este folheto de literatura de cordel é uma escancarada homenagem à Genética Forense, área da Criminalística fascinante e com perspectivas revolucionárias para os próximos anos. É minha forma de parabenizar todos aqueles cujo empenho culminou na Lei nº 12.654/2012, que prevê a coleta de perfil genético como forma de identificação criminal no Brasil. Passo a palavra, a uma colega de trabalho, Bióloga, cujo trabalho admiro e inspira os colegas do grupo de perícias de Local de Crime.

O autor.

O presente cordel trata de forma poética e leve de vários conceitos relacionados ao campo da Genética Forense. O autor trata da vasta gama da aplicação dessa poderosa ferramenta, mostrando não só sua utilização na resolução de crimes, mas também na inocentação de pessoas erroneamente acusadas e na mediação de outros conflitos. Tudo isso com o mais autêntico sotaque nordestino, resultando numa divertida abordagem de tão importante tema.

Ressalta-se ainda o feliz casamento entre as Ciências com as necessidades do Direito, originando a Perícia Criminal, cuja implementação tem exercido um papel transformador na forma de se aplicar a justiça na sociedade. Como bem disse o autor: "Já foi-se o tempo de trevas, onde nada se provava!"

Pra finalizar, parabenizo o Alysson pela sua grande criatividade ao transformar em versos os tecnicismos da nossa profissão.

Karina Alves Costa.

O casamento de DoNA Ciência com o Perito Criminal

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

Vou lhes contar mais um caso,
Uma história especial,
Que não é mera ficção
De um conto policial,
E vem revolucionando
Todo o Direito Penal.

Na verdade é um romance,
Mas que não acaba em drama,
De uma moça bem sabida
Com um cabra bem bacana;
Ao se juntar esses dois,
O juiz não mais se engana.

O nome dela é ciência;
O nome dele é perito;
Esta união é capaz
De apurar qualquer delito.
Amor à primeira vista
– Pense num amor bonito!



XILOGRAVURA: COSTA LEITE

Essa estória que o culpado
Deixa o inocente sem paz,
Isso aí não é de hoje,
Vem mesmo lá de detrás:
Desde antes que a Jesus
Preferiram Barrabás.

Já foi-se o tempo de trevas,
Onde nada se provava;
Pra se apontar um culpado
De bruxaria, bastava
Que um infeliz discordasse
Do trono que o comandava.

Só que o tempo evoluiu
E a ciência avançou.
O homem é bicho danado
E até na Lua pisou,
Mas veio uma descoberta
Que até o diabo invocou...

Foi lá nos anos cinquenta*
Que esse feito brotou:
Extrair do corpo humano
Aquilo que nos formou,
Que distingue João de Zé,
Expedito de Agenor.

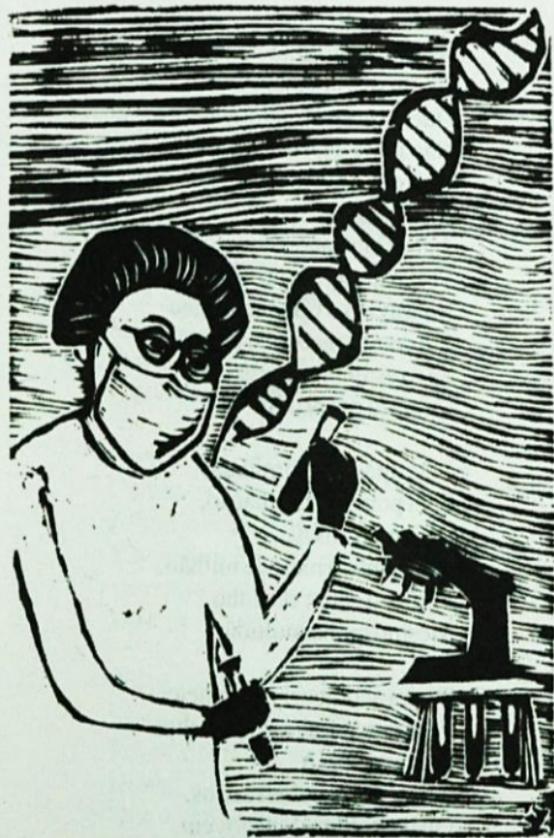
*Anos cinquenta do Século XX.

Foi uma dupla de gringos
Que batizou a ideia.
Chamaram de dupla hélice
A estrutura da matéria.
E algo "tamanho de nada"
Engrandeceu, fez miséria.

Descobriram que esse ácido,
Um tal de DNA,
Que a cada um de nós
Cabe individualizar,
Pra botar pingos nos is
É muito bom de se usar.

O povo logo entendeu
Que ele iria ajudar
A descobrir se era Tonho
Filho do tal Josafá...
E a suspeita de chifre
Veio, por fim, terminar!

Sua abrangência é geral,
Mas eu vou me limitar
Ao casamento que houve
Da área molecular
Com o trabalho do perito,
Pra questões apaziguar.



XILOGRAVURA: ERICK LIMA

Imagine um crime torpe:
Abuso de uma inocente.
Como se iria saber
Quem seria o delinquente,
Não fosse o DNA
Deixado pelo indecente?

Agora olhe para trás,
Veja o que era feito então:
Buscavam o tipo sanguíneo
Pra comparar com o do João.
Se o resultado batesse,
Cabra ia pra prisão!

Mas tipagem é limitada,
Tem pouca combinação,
Difere do DNA,
Que tem pra mais de milhão,
E filtra o cabra certinho
Mesmo numa multidão.

Tá pra acontecer na França:
Pegaram quinhentos machos
Pra fazer DNA
E descobrir, pelos rastros,
Quem bolinou uma jovem,
Após seguir os seus passos.

Na América é coisa antiga...
Tem um projeto legal,
Que é chamado de "Inocência",
Com respaldo federal;
Já livrou muito caboclo
De uma injeção letal!

No Brasil a lei é nova
Pra nos criar um "Codis",
Que é um banco sem dinheiro,
Mas que é cheio de perfis
Dos genes dos condenados,
Que cometem crimes vis.

Foi um avanço das leis
Combatendo a impunidade;
Afinal já era tempo,
Não se está mais na idade
De prender um inocente,
E o culpado, na cidade!

Pois aqui entra o perito.
Seu trabalho é essencial
Pra arrecadar os vestígios
Do suposto marginal,
Que deixa sempre matéria
Na vítima ou no local.

Por isso a importância
De preservar-se o local
Antes que chegue a perícia,
Senão a falha é fatal:
Compromete o seu trabalho
E o confronto vai pro sal!

Minha teoria é essa,
Antes que alguém dispare:
A ciência e o perito,
Que a todos se declare
- Vós sois marido e mulher,
Até que a morte os separe!

É um casamento lindo
Com essa DoNA Ciência,
Que o perito criminal
Ama com toda decência,
Pra evitar que a sociedade
Retorne pra decadência!

Fim

José Alysson D. M. Medeiros é engenheiro, natural de João Pessoa/PB. Trabalha como Perito Criminal Federal.

José Francisco Borges (J. Borges) é cordelista e xilogravurista pernambucano, nascido e residente em Bezerros, onde mantém seu ateliê. Entre muitas premiações, recebeu da UNESCO o Prêmio Cultura.

José Costa Leite é poeta paraibano, nascido em Sapé e residente em Condado/PE. É considerado pela crítica especializada como o mais importante gravador e cordelista vivo no Brasil.

Erick Lima é artista plástico natural da cidade de Natal/RN, especializado em xilogravura. Desenvolve suas atividades junto aos poetas cordelistas da Casa do Cordel na capital potiguar.



Associação Nacional dos dos Peritos Criminais Federais

